

decisivo, pois a meu ver a molestia tem todos os característicos de fenómeno epileptoide.

Mas Casimiro Colaço, daí a dois dias estava refeito para o trabalho comum. E embora não recordasse o ensinamento senão na tela mágica de sonho mal definido, jamais se atreveu a repetir invocações diretas e nominais, renunciando á imposição da vontade caprichosa em relação ao plano invisível.

A GRANDE SURPRESA

Quem poderia definir a perturbação do desventurado Léo Marcondes, confinado em tenebroso circulo de angustia? Seria difficil relacionar-lhe as lagrimas e padecimentos. Comerciante abastado, no Rio de Janeiro, nos derradeiros anos do seculo XIX, não pudera furtar-se ao portal escuro do suicidio. Temperamento fogoso e personalista, nunca se acomodara ao beneficio da fé religiosa e, atirando-se ás teorias do materialismo demolidor, dera-se aos mais estranhos disturbios ideologicos, como quem se perde na sombra, caminhando a esmo pela noite dentro. Sempre fizera questão de espalhar os principios dissolventes. Em casa, na rua, nos cafés, tornara-se proverbial sua attitude iconoclasta e desrespeitosa. Saturado de conceitos dos filosofos pessimistas, destacava-se-lhe a palavra pelas afirmativas ingratas e improprias, a respeito da Providencia Divina. Longe de apreender nos escritores cétricos verdadeiros doentes intellectuais, interessados em seduzir atenções alheias do eatre de idéias enfermigas, internava-se, sem maior exame, no cipoal das mentiras brilhantes. Ao seu ver, o mundo era vasta casa de miseria e trevas sem limites. A' menor contradita, desmanchava-se ele em considerações amargas e venenosas:

— Valores na Terra? Onde o desgraçado que poderia manter a perigosa ilusão? Não tivessem qualquer dúvida. Se existisse um Criador — e acentuava essas palavras ironicamente — deveria ser expulso da natureza. Que viam na humanidade infeliz senão loucura, desolação e sombra impenetravel? Tudo caminhava para

a morte, para a eterna extinção. Flores apodrecidas desfarsam os tumulos, que escarnecem da esperança mais pura. A carne moça era fantasia ocultando caveiras de amanhã, nos mais belos rostos. Vemos cadáveres em toda parte. Raia o dia para transformar-se em noite; cresce a arvore por sepultar-se na terra, ou para queimar-se em terrível desolação. Que é nosso destino senão a cópia burlesca desses movimentos viciosos e destruidores? Que seria a alegria humana senão a luz fragil que se apaga no vendaval das trevas? E que seria a existência senão jornada angustiosa para o continente de cinzas sepulcrais?

Era inutil qualquer esforço por arranca-lo a semelhante estado mental. Léo reduzira-se á condição de cego voluntario, segregado em sombras, apesar da alvorada permanente de luz. Desprevenido de socorro intimo, em vista da situação de miseria moral a que se votara, num momento de excitação profunda cometeu incompreensivel homicidio, eliminando antigo companheiro da infancia. Dominado de cegueira fatal, não resistiu ao remorso incoercivel e suicidou-se pouco tempo depois.

Anos amargosos e escuros abateram-se-lhe sôbre o espirito desventurado. Embalde chamava familiares que-ridos, invocando auxilio espiritual. Tinha a impressão de neblinas geladas cercando-lhe o caminho, no meio de trevas indevassaveis, caíndo... caíndo sempre.

No circulo de angustias em que se via algemado, recordava a Terra, experimentando revolta infinita. Atribuia ao planeta a causa de todos os fracassos, a fonte de todas as amarguras.

Na sua desdita, jamais pôde, entretanto, esquecer a espôsa, alma simples e generosa, inteiramente consagrada ao bem-estar dele, nos minimos incidentes da jornada humana. Lembrava-lhe a figura humilde e meiga, com verdadeiros transportes de amor e reconhecimento. Essa recordação se convertera na unica estrela a lhe brilhar no abismo de sombras indefiniveis.

Mais de cincoenta anos assim decorreram, de pade-

cimentos incalculaveis, quando o mísero foi convocado a reorganizar caminhos, referentemente ao futuro.

Enfrentando o sabio instrutor que o atendia afetuoso, o infeliz exclamava angustiado:

— Concientemente, devo dizer que nunca fui homem perverso. A Terra, todavia, deprimiu-me e inutilizou minhas forças, com fatalidades tremendas e paisagens tenebrosas!...

— Cala-te, amigo! — observava a entidade generosa — a queixa no serviço divino nem sempre será rogativa honesta. Por vezes, não passa de manifestação de revolta ou indolencia de nossa escassa compreensão do dever sagrado. Aqui estou para atender-te, á face do porvir.

— Abomino a Terra!... — soluçou o desventurado.

— Esclarece teus projetos quanto ás oportunidades futuras. Não nos percamos em lamentos ou palavras ociosas.

Após meditar longos minutos, Léo interrogou hesitante:

— Magnanimo instrutor, poderei reencontrar a inolvidavel companheira de luta?

— Porque não? Deus nunca nos fechou a porta da bondade infinita.

— Oh! — gemeu o infeliz, quase esmagado por um raio de júbilo — concedei-me a possibilidade de procura-la no paraíso que terá merecido pela imensa virtude; dai-me a ventura de esquecer, por momentos, os quadros escuros da Terra, a-fim-de acariciar a idéia do reencontro... Em que estrela maravilhosa permanecerá minha santa?

O veneravel orientador contemplou-o, benigno e explicou intencionalmente:

Tua companheira se encontra numa escola de Esperança.

— Ah! informai-me relativamente ás grandezas dessa paragem sublime! Poderei penetrar-lhe as estradas formosas?

Depois de um gesto afirmativo, que o desventurado

recebeu com transportes de alegria, continuou o bondoso mentor:

— Trata-se de primorosa região de Esperança, onde Nosso Pai tudo preparou, facilitando a edificação das criaturas. Dias deslumbrantes enfeitam-lhe continentes e mares, repletos de vida sublime e vitoriosa. Árvores amigas lá estendem seus ramos pejados de frutos succulentos e saborosos. Água divina corre gratuitamente de mananciais cantantes, e na atmosfera embaladora a claridade e a melodia não encontram obstáculos... Lá se reveste a alma de fluidos adequados ao trabalho, qual operário a receber o traje de serviço, segundo as próprias necessidades, sem preocupação de retribuir a mão generosa e oculta que lhe concede o benefício. No aprendizado de todos os dias, ouvem-se risos infantis, observam-se esperanças da juventude, recebem-se bênçãos de anciãos coroados de alvinhentos lírios. São manifestações sagradas de companheiros que ali permanecem, prosseguindo na grande romagem para Deus, cada qual representando nota de amor e trabalho no cântico universal...

Em razão da pausa mais ou menos longa que o mentor interpusera nas considerações, Marcondes enlevado, solicitou, a demonstrar novo brilho nos olhos:

— Falai, falai ainda desse plano prodigioso!...

— As noites nessa esfera — continuou o benfeitor — são cariciosas estações, destinadas à prece e ao repouso. Astros luminosos povoam o céu, chamando os Espíritos a meditações divinas. Constelações fulgurantes passam no infinito em sublime silêncio. Luzes brandas dão novo colorido às paisagens. Ainda há, por lá, pobres e sofredores, pois que se trata duma escola de Esperança; ninguém, contudo, está abandonado por Deus, que manda distribuir as lições segundo as necessidades dos filhos bem amados... Tudo ali é promessa de vida, caminhos de realização, oportunidades sacrossantas!...

— Benfeitor inesquecível — rogou Léo Marcondes, agora sem lágrimas — poderei, ao menos, visitar esse plano divino?

— Não somente visita-lo como procurar a companhia, em seus caminhos, e unir-se novamente a ela, no trabalho de Deus, na elevação e resgate justo — esclareceu o instrutor, mostrando carinhoso sorriso.

O mísero não sabia traduzir o próprio júbilo.

Tomando-lhe a dextra, o amigo espiritual guiou-o carinhosamente através de sombras e abismos. Daí a algum tempo, divisavam larga esfera que, embora sem claridade própria, se movimentava num oceano de luz. A' essa altura, Marcondes prorrompeu em gritos de alegria:

— Salve planeta celeste, santuário de vida, celeiro das bênçãos de Deus!...

— Definiste com sabedoria — acrescentou o mentor sorridente.

Mais alguns minutos e penetraram numa cidade alegre e bulhenta. Observou o pobre Léo que o local não lhe era de todo desconhecido. Os morros, o casario, o mar, identificavam a paisagem. Desapontado, hesitante, premiu a mão do generoso amigo e indagou:

— Será que estamos na Terra? Não é esta cidade o Rio de Janeiro?

— Justamente.

— Nunca observei antes tanta magnificência e beleza!...

— Eu bem o sabia — disse o mentor bondosamente — mas é que nunca procuraste a escola de Esperança que o Pai oferece às criaturas neste plano. Escutaste os filósofos pessimistas, mas foste surdo aos cânticos da vida; observaste as letras envenenadas que embriagam o cérebro dos homens de teorias aviltantes, mas foste cego ao traço das charruas no solo. Porque preferias a indolência das almas rebeldes, o frio te incomodava, a chuva aborrecia, o calor sufocava, o trabalho constituía angústia constante. Em vez de localizar os próprios males, agradava-te identificar os males alheios. Voluntariamente enceguecido às lições diárias, tropeçaste no crime e na amargura; guardavas conceito ironico para o ignorante, repreensões ásperas para o infeliz, olvidando a disciplina de ti mesmo. A' força de viver na

contemplação dos defeitos e cicatrizes do proximo, nada mais viste em torno do coração, além de ruínas e trevas. Deus, porém, é infinitamente bom e te concede nova oportunidade de elevação no caminho da vida. Outras experiências te aguardam nos dias vindouros. Renascerás no mesmo lugar onde levantaste, inadvertidamente, o braço homicida. Transforma as algemas pesadas em laços de amor. Procura a companheira abnegada, que te seguirá os passos amorosamente, na senda redentora. Não olhes para trás. Acende a lampada generosa da fé e não temas o assédio das sombras.

Enquanto o interpelado o observava, reconhecida-mente, surpreendido e silencioso, o magnânimo instrutor concluiu batendo-lhe afetuosamente no ombro:

— Vai, Marcondes! recomeça a viagem, toma novamente o vagão da experiência humana, mas não atires o corpo pela janela do comboio em movimento e espera, resignado, a estação do destino.

O ex-comerciante agradeceu num gesto mudo.

E enquanto o mentor solícito voltava às esferas elevadas, Léo Marcondes era conduzido por outras mãos a uma singela choupana, modestamente erguida num dos bairros mais pobres.

CARIDADE E DESENVOLVIMENTO

No grupo de senhoras inquietas, após a reunião em que se haviam comunicado diversos Espíritos amigos, estalavam ruidosos comentários.

A palestra não interessava a vida alheia, segundo antiga acusação lançada às filhas de Eva; contudo, a nota dominante era a leviandade.

Falava-se entusiasticamente a respeito da prática e propaganda dos postulados espiritistas. Um alegavam perseguições do invisível, outras aludiam às aventuras dos maridos inconstantes, atribuindo as penas domésticas à influência dos máus Espíritos. Dentre todas, destacava-se a senhora Laurentina Cardoso pelo fervor sincero que lhe brilhava nos olhos. Divergindo da maioria, seus pareceres demonstravam singular interesse no assunto.

— Sonto-me transportada a região desconhecida — dirigia-se, impressionada, à diretora da feminil assembléia — o mundo invisível nos arrebatava à compreensão nova. Quão enorme é o serviço do bem a realizar!

E cruzando as mãos no peito, gesto que lhe era característico em instantes de profunda impressão, continuava bondosa:

— Que fazer por cooperar no trabalho sublime? Quanto desejava ser útil aos infelizes da esfera espiritual!...

— Sim, minha filha — explicava a presidente — é preciso desenvolver-se, aproveitar suas faculdades no esclarecimento de nossos irmãos atrasados. Seja atenta ao dever e alcançará os mais nobres valores.